



Cones funerários da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia

Author(s): Araújo, Luís Manuel

Published by: Instituto Oriental da Universidade de Lisboa

Persistent URL: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/24211>

Accessed : 14-Jul-2020 09:42:41

The browsing of UC Digitalis, UC Pombalina and UC Impactum and the consultation and download of titles contained in them presumes full and unreserved acceptance of the Terms and Conditions of Use, available at https://digitalis.uc.pt/en/terms_and_conditions.

As laid out in the Terms and Conditions of Use, the download of restricted-access titles requires a valid licence, and the document(s) should be accessed from the IP address of the licence-holding institution.

Downloads are for personal use only. The use of downloaded titles for any another purpose, such as commercial, requires authorization from the author or publisher of the work.

As all the works of UC Digitalis are protected by Copyright and Related Rights, and other applicable legislation, any copying, total or partial, of this document, where this is legally permitted, must contain or be accompanied by a notice to this effect.



CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

3



C O S M O S

（*）三和社出版
北京人民教育出版社

CONES FUNERÁRIOS DA COLEÇÃO DE ANTIGUIDADES EGÍPCIAS DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Assistente da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Resumé

Parmi les 550 objets de la collection d'antiquités égyptiennes du Museu Nacional de Arqueologia, à Lisbonne, il y en a certains qui ont été donnés par la prestigieuse famille Palmela. Les ducs de Palmela sont devenus fameux pour leur amour de l'art et leur protection mécène aux activités culturelles, et c'est au cinquième duc, D. Domingos de Sousa Holstein Beck, qu'on doit les dons importants au Musée. C'est justement le cas des cinq cônes funéraires qui sont l'objet de notre texte.

Les cônes funéraires sont en terre cuite et ont été modelés dans une période historique qui se place entre le XV^e et le VII^e siècle avant notre ère, c'est-à-dire, de la XVIII à la XXVI dynastie.

(Página deixada propositadamente em branco)

Entre os cerca de 550 objectos que compõem a colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, e que foram objecto de estudo e preparação para a sua exibição em instalações museologicamente renovadas⁽¹⁾, existem alguns que foram oferecidos pela família Palmeia.

Os duques de Palmeia notabilizaram-se, entre outros predicados eméritos, pelo facto de serem grandes coleccionadores de obras de arte e revelarem um apreciável pendor mecenático em relação às actividades da cultura. Desde o primeiro duque de Palmeia, D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), que aos 21 anos de idade era já embaixador de Portugal em Roma, vindo depois a tornar-se ministro dos Negócios Estrangeiros e primeiro-ministro de vários governos liberais da primeira metade do século XIX, que a família foi coleccionando obras de arte e antiguidades, contando-se entre estas alguns objectos egípcios.⁽²⁾

O quinto duque de Palmeia, D. Domingos de Sousa Holstein Beck, neto da duquesa D. Maria Luisa (1841-1909), também ela senhora de reconhecidos dotes artísticos e filantrópicos⁽³⁾, tomou-se conhecido como grande coleccionador de arte, e a ele e seus descendentes se devem importantes doações de objectos egípcios ao Museu Nacional de Arqueologia. Entre esses objectos figuram os cinco cones funerários que neste artigo se apresentam.

Não se conhece a forma como a família Palmeia obteve os referidos cones funerários: os arquivos da família, que são muito ricos, não possuem afinal qualquer documento a este respeito⁽⁴⁾, e a fonte mais à mão é uma lista incompleta manuscrita elaborada no Museu Nacional de Arqueologia que refere um total de 84 peças (antigo núcleo 984.303 — Núcleo Duque de Palmeia), mas sobre a qual pendem justificadas dúvidas.⁽⁵⁾

Os cinco cones funerários da colecção são todos em terracota, alguns deles apresentando ainda vestígios de pintura, e datam de um período histórico que se situa entre os séculos XV e VII antes da nossa era, ou seja, da XVIII dinastia (Império Novo) à XXVI dinastia (Época Saíta).

Embora o acervo egiptológico não possua nenhum cone do Império Médio, estes curiosos elementos do espólio funerário começaram a ser produzidos a partir da XI dinastia, portanto no início do Império Médio. Destinavam-se, ao que se julga, a ser colocados nos túmulos, nas respectivas fachadas, alinhados em longas filas horizontais.⁽⁶⁾ Ao contrário do que possa parecer, devido ao seu aspecto e formato, não eram selos destinados à gravação dos textos que neles figuravam. O egiptólogo alemão Arne Eggebrecht⁽⁷⁾, apresenta-os como símbolos solares, onde o nome do defunto se preservaria eternamente.⁽⁸⁾

Existem diferentes modelos de textos inscritos nos cones, quer na disposição gráfica (as inscrições podiam ser horizontais ou verticais), quer no conteúdo. Regra geral continham o nome do proprietário e os seus títulos, podendo também figurar o nome da esposa e dos pais.⁽⁹⁾ Em vários casos, as inscrições dos cones fazem lembrar outros textos presentes nas paredes dos túmulos ou mesmo nos chauabtis (estatuetas funerárias osiriformes habitualmente presentes nos espólios funerários).⁽¹⁰⁾

Não sendo embora o caso dos cones funerários da colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia, alguns apresentam a fórmula inicial de *hotep-di-nesu* (*htp-dl-nsw*), isto é, «oferta feita pelo rei», sendo o defunto declarado Osiris no princípio do texto e justificado (*maé-kheru*) no final, como amiúde ocorre nos chauabtis ⁽ⁿ⁾ e noutros materiais fúnebres.

Exemplares semelhantes aos cones de Lisboa encontram-se noutras colecções europeias e americanas e no Museu Egípcio do Cairo. Os nomes dos titulares dos cones do Museu Nacional de Arqueologia constam do *Corpus* de N. de Garis Davies e M. L. Macadam (1957).⁽¹²⁾

Eis os cones funerários, com o respectivo número de colecção e a tradução dos textos hieroglíficos neles contidos:

E 152 – Cone de Meri (Mry)

***(sd3wty ?) bīty lmy-r hmw-ntr nw èmꜣw (n) T3-mhw
 ljm-ntr tpy n 'Imn, Mry
 lmy-r pr n 'Imn lmy-r ènwty n 'Imn, Mry
 lmy-r prwy-hd lmy-r prwy-nbw n 'Imn, Mry
 lmy-r lhw n 'Imn, Mry***

Terracota, com inscrição hieroglífica em relevo.

Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna (túmulo o.º 95)⁽¹³⁾

Reinado de Amen-hotep II, XVIII dinastia (Império Novo)

Comprimento: 24 cm

Diâmetro da inscrição: 8 cm.

Texto em cinco linhas horizontais, com traços divisórios:

«(Tesoureiro?) do rei do Baixo Egípto, chefe dos sacerdotes do Alto e do Baixo Egípto, sumo sacerdote de Amon, Meri. Intendente da casa de Amon, intendente dos celeiros de Amon, Meri. Intendente do tesouro e das casas do ouro (ou dupla casa do ouro) de Amon, Meri. Superintendente do gado de Amon, Meri».

Observações: A segunda linha do texto tem a extremidade direita danificada, tendo quase desaparecido o determinativo do nome Meri.

E 153 – Cone de Meri (Mry)



*(sd3wty ?) ... èm^{cw} (n) T3-mhw
hm-ntr tpy n 'Imn, Mry
imy-r pr n 'Imn hiy-r émvty n 'Imn, Mry
imy-r prwy-hd, lmy-r prwy-nbw n 'Imn, Mry
lmy-r lhw n 'Imn, Mry*

Terracota, com inscrição hieroglífica em relevo.
Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna (túmulo n.º 95)
Reinado de Amen-hotep II, XVIII dinastia (Império Novo)
Comprimento: 27,5 cm
Diâmetro da inscrição: 8 cm

Texto em cinco linhas horizontais, com traços divisórios:

«(Tesoureiro do rei?) (chefe dos sacerdotes) do Alto e do Baixo Egipto, sumo sacerdote de Amon, Meri. Indentente da casa de Amon, intendente dos celeiros de Amon, Meri. Intendente do tesouro e das casas do ouro (ou da dupla casa do ouro) de Amon, Meri. Intendente do gado de Amon, Meri».

Observações: O início do texto está ilegível, sugerindo-se o título através de outros exemplos conhecidos. ⁽¹⁴⁾ O texto distribui-se da esquerda para a direita. Vestígios de impressão dos dedos do artesão (polegar, indicador, anular e médio). ⁽¹⁵⁾ Vestígios de pintura a branco.

E 154 – Cone de Djeserka (Dsr-k3)

*sé hsb-It
n 'Imn*

Dsr-k3

Terracota, com inscrição hieroglífica em relevo.

Proveniente da necrópole tebana (túmulo n.º 38 de Cheikh Abd el-Gurna, com o nome de Djeserkareseneb?)(¹⁶)

Reinado de Tutmés IV(?), XVIII dinastia (Império Novo)

Comprimento: 15 cm

Diâmetro da inscrição: 9 cm

Texto em três linhas horizontais, com traços divisórios:

«Escriba, contador do trigo de Amon, Djeserka».

Observações: O texto distribui-se da esquerda para a direita. Cone pintado de branco, incluindo a zona da inscrição, embora tenha nalguns sítios perdido a cor.

E 155 – Cone de Amenmheb (*Imn-m-hb*)



Idnw n mēc wr
'Imn-m-hb

Terracota, com inscrição hieroglífica em relevo.

Proveniente da necrópole tebana de Cheikh Abd el-Gurna (túmulo n.º 85)⁽¹⁷⁾

Reinados de Tutmés III e Amen-hotep II, XVIII dinastia (Império Novo)

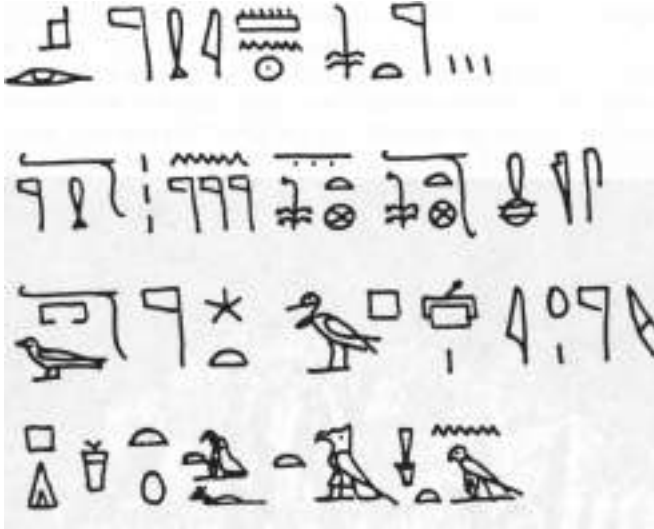
Comprimento: 25 cm

Diâmetro da inscrição: 5,5 cm

Texto em duas linhas verticais, com um traço divisório:

«Delegado principal (ou lugar-tenente principal) do exército, Amenemheb».

Observações: É o único texto da colecção de cones que se apresenta na vertical, inscrito em base ligeiramente quadrangular, com o hieróglifo referente a «exército» ligeiramente deteriorado. O prolongamento cónico tem arestas.

E 156 — Cone de Pabasa (P3-b3s3)

Wslr hm-nt (n) 'Imn-R° nsw-ntrw

imy-r hmw-ntr nw ntrw (n) T3-àmcw lmy-r T3-àmcw mlnit.s

imy-r pr wr (n) dw3t-nt_r P3-b3-s3 s3 (n) mry-ntr

P3-di-B3stt mwt.f T3-snt-Hr

Terracota, com inscrição hieroglífica em relevo.

Proveniente na necrópole tebana de Assassif (túmulo n.º 279)⁽¹⁸⁾

Reinado de Psamtek I (Psamético I), XXVI dinastia (Época Saíta)

Comprimento: 21 cm

Piâmetro da inscrição: 9 cm

Texto em quatro linhas horizontais, com traços divisórios:

«Osíris, sacerdote de Amon-Ré, rei dos deuses, chefe dos sacerdotes dos deuses do Alto Egípto, superintendente do Alto Egípto, da sua totalidade, grande mordomo do palácio da divina adoradora (Nitocris=Neitikert)⁽¹⁹⁾, Pabasa, filho do amado do deus Padibastet. A sua mãe foi Tassenethor».

Observações: O texto distribui-se da direita para a esquerda. A terceira e a quarta linhas estão deterioradas, nomeadamente no título de «intendente do palácio» e no nome de Padibastet, que foram restituídos ao texto através da observação de outros exemplos.⁽²⁰⁾



Cone funerário de Pabasa, apresentando inscrição hieroglífica em relevo, distribuída por quatro linhas, com alguns dos signos bastante erodidos.

Notas

(1) Optou-se pela utilização de quatro salas que ficaram unidas entre si depois de concluídas as obras destinadas a um melhor aproveitamento do espaço, no qual se mostram cerca de 300 peças seleccionadas.

A zona onde o acervo egíptológico se expõe é maior que a anterior onde os objectos egípcios estiveram em exibição, embora se localize na área da antigamente chamada «Sala do Egípto» fechada em 1980. Ver Luís Manuel de Araújo, «A Coleção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia», in *O Arqueólogo Português*, vol. 5, série IV, Lisboa, 1989, pp. 241*257.

(2) O segundo duque de Palmela, de seu nome D. Domingos de Sousa Holstein Beck (1818*1864) adquiriu, em 1840, o palácio do marquês de Angeja, onde hoje é o Museu Nacional do Traje. Nesse palácio encontrava-se uma múmia egípcia de que Madalena Braz Teixeira dá notícia em «Os primeiros museus criados em Portugal», in *Bibliotecas, Arquivos e Museus*, Instituto Português do Património Cultural, vol. I, tomo I, Lisboa, Janeiro-Junho de 1985, pp. 185*240. Ver ainda Madalena Braz Teixeira, «Museu Nacional do Traje — Parque do Monteiro*Mor», in *ICALP Revista*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, n.ºs 12/13, Lisboa, Julho-Setembro de 1988, pp. 140*145. Cf. Luís Manuel de Araújo, «As Múmias de Eça», in *Actas do I Encontro Internacional de Queirosianos, Eça e os Maias*, Faculdade de Letras do Porto, Edições Asa, Porto, 1990, pp. 23-29.

(3) Ver, entre outros, *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, Publicações Alfa, Vol II, p. 78. D. Maria Luisa, terceira duquesa de Palmela, tinha no seu atelier dois sarcófagos egípcios, segundo informação que colhemos directamente de um seu bisneto, D. Manuel Holstein Beck.

(4) Os arquivos da família estão confiados ao senhor D. Manuel Holstein Beck, que solicitamente nos prestou todas as informações que pretendíamos. Agradecemos também as informações dadas pela Dr.^a Maria de Lourdes Amorim.

(5) Ver o artigo recentemente saído em *O Arqueólogo Português*, vol. 5, série IV, Lisboa, 1989, p. 244.

(6) H. M. Stewart, *Mummy-cases and Inscribed Funerary Cones in the Petrie Collection*, Aris & Phillips, Warminster, 1986, p. 23. Cf. Arne Eggebrecht, «Grabkegel», in Wolfgang Helck e Eberhard Otto, *Lexikon der Ägyptologie*, band II, Otto Harrassowitz, Wiesbaden, 1977, pp. 858-859.

(7) *O. c.*, onde o antigo presidente do CIPEG (Comité Internacional para a Egíptologia) contesta diversas interpretações anteriormente feitas acerca dos cones funerários: «Andere Erklärungen wie Mumienetiketten, Scheinbrote oder Scheinfleischteile für Ernährung des Toten, Grenzmarkierungen der Totenstiftung oder "cartes de visites" haben nicht überzeugt» (p. 858).

(8) «G. (Grabkegel) danach Abbilder der Sonne, die im Vorbeiziehen ins Grab hinein Licht und Leben spendent; Toter selbst durch Namenseinschreibung als Sonnenbestandteil im ewigen Kreislauf unsterblich» (pp. 858-859).

(9) Arne Eggebrecht, o. c. \ H. M. Stewart, o. c., p. 23. Exemplos de textos com diferente apresentação gráfica em Rosalie David, *The Macclesfield Collection of Egyptian Antiquities*, Aris & Phillips, Warminster, 1980, p. s/n em apêndice (*Plates*).

(10) Ver José Nunes Carreira e Luís Manuel de Araújo, «Chauabtis da Sociedade de Geografia de Lisboa», in *Revista da Faculdade de Letras*, n.º 10, 5.ª série, Lisboa, 1988, pp. 13-23; ainda Hans Schneider, *Shabtis, Part I: An Introduction to the History of Ancient Egyptian Funerary Statuettes*, Rijksmuseum van Oudheden te Leiden, Leiden, 1977, pp. 66-160. Modelos diversos de textos funerários podem também ser apreciados nos exemplos contidos em Jacques-F. Aubert e Liliane Aubert, *Statuettes Égyptiennes. Chaouabtis, Ouchebtis*, Librairie d'Amérique et d'Orient, Adrien Maisonneuve, Paris, 1974.

(11) José Nunes Carreira e Luis Manuel de Araújo, o. c., p. 17.

(12) Nina de Garis Davies e M. L. Macadam, *A Corpus of Inscribed Egyptian Funerary Cones*, Griffith Institute, Oxford University Press, Oxford, 1957. Aí vêm registados os nomes dos titulares dos cones existentes em Lisboa {*part I: Plates*):

Meri — n.ºs 390 e 400
Djeserka — n.º 559
Amenemheb — n.º 270
Pabasa — n.ºs 468 e 469

(13) H. M. Stewart, o. c., p. 53, onde vêm registados dois cones de Meri originários do túmulo n.º 95 de Cheikh Abd el-Guma; sobre a importância deste alto funcionário do reinado de Amen-hotep II ver Gustave Lefebvre, *Histoire des Grands Prêtres d'Amon de Karnak jusqu'à la XXIIe dynastie*, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris, 1929, p. 236.

(14) *Corpus*, 390 e 400.

(15) Sobre a impressão dos dedos do artesão nos cones ver Arne Eggebrecht, o. c., p. 858.

(16) Cf. Jean-Jacques Fauvel e outros, *Egypte, Le Nil égyptien et soudanais du Delta à Khartoum*, Les Guides Bleus, Hachette, Paris, 1982, p. 527, com o túmulo n.º 38 indicado no mapa da p. (necrópole de Cheikh Abd el-Gurnah, segundo esquema de orientação de Porter-Moss), situado na zona chamada de «petit enclos».

(17) Cf. Jean-Jacques Fauvel, o. c., p. 533, com o túmulo n.º 85 indicado no mapa da p. 526, situado na zona chamada de «grand enclos» (ver nota anterior); H. M. Stewart, o. c., p. 26, aí se traduzindo o título de Amenemheb por «lieutenant-commander of the army».

(18) Túmulo referido em Jean-Jacques Fauvel, o. c., p. 521, com a situação assinalada no mapa da p. 522 (necrópole de Assassif, entre Deir el-Bahari e Cheikh Abd el-Gurna, segundo esquema de orientação de Porter-Moss). Trata-se de um grande e belo túmulo, com acesso através de longa escadaria, onde os textos estão gravados em harmoniosos hieróglifos e as personagens representadas nas paredes revelam um pendor arcaizante no seu desenho; H. M. Stewart, o. c., p. 63.

(19) Jean-Jacques Fauvel, o. c., p. 521.

(20) *Corpus*, 468 e 469.